

## OPINIÃO

Hippert

## Brasil: país do futuro?

Cláudio Gonçalves dos Santos

**E**m 1941, o austríaco Stefan Zweig (1881-1942), encantado com a beleza natural e a cordialidade do povo escreveu "Brasil, País do Futuro", o que causa, ainda hoje, certa estranheza. Nos anos 40, o Brasil era miserável, pouco industrializado e analfabeto. A população era de 41 milhões de habitantes, sendo 56% analfabeto. O Brasil seria mesmo o país do futuro?

Os anos passaram, a população cresceu, atingindo quase 200 milhões e o Produto Interno Bruto (2012) fez o Brasil saltar para a sétima maior economia do planeta. Vimos nos últimos dias a população indo às ruas para manifestar seu descontentamento e marcar posição. A tal ponto que levou a presidente Dilma Rousseff a propor um pacto nacional, com cinco pontos que envolvem responsabilidade fiscal, combate à corrupção, saúde, transporte e educação. Finalmente, o futuro chegou? Acredito que não!

Analisando os dados vemos que, de 2002 a 2012, a dívida pública teve crescimento nominal de R\$ 1,2 trilhão, equivalente a US\$ 666 bilhões (câmbio de 2012). Este valor, para efeito de comparação com o PIB de outros países, colocaria o crescimento nominal da dívida pública brasileira na posição 20 no ranking das 50 maiores economias do mundo elaborada pelo FMI. Entre o PIB da Suíça, US\$ 632 bilhões e Arábia Saudita, US\$ 727 bilhões.

O Brasil vem obtendo destaque internacional nos últimos anos, especialmente após o sucesso do plano de estabilização e reformas econômicas (Plano Real/1994). Entretanto, o desempenho do PIB, nos últimos dois anos, foi decepcionante: 2,7% em 2011 e 0,9% em 2012. Baixo crescimento do PIB, elevado aumento da dívida pública, pouco investimento e inflação em ritmo de crescimento, colocam a política econômica adotada pelo governo em xeque.

O governo falhou em sua estratégia de socorrer as indústrias com políticas de desoneração fiscal e subsídios porque não houve planejamento a longo prazo.

Precisamos deixar de lado as ideologias batidas sobre o capital privado e pensar no Brasil de modo maduro e assertivo. O mundo contemporâneo nos ensina que Parcerias Público Privadas (PPP) são uma alternativa para os países na busca de investimentos, incre-

**O Brasil ainda está longe de atingir os indicadores econômicos e sociais dos países desenvolvidos. Para chegar lá, a caminhada será longa**

mentam o crescimento do PIB, gerando emprego, renda e qualidade de vida para suas populações.

Corremos o sério risco de destruição de tudo o que foi conquistado, com a ameaça principal pairando sobre o crescimento da dívida pública, o que certamente sacrificará o futuro da Nação. Se a dívida continuar a crescer em relação ao PIB, as agências de Rating podem rebaixar a nota de risco do Brasil de Grau de Investimento para Grau Especulativo, provocando fuga de capital.

Observamos a deterioração contínua da política fiscal. A queda dos juros por si só diminuiria as despesas do governo com pagamento de juros para rolagem da dívida pública, que tem prazo médio de vencimento de quatro anos. No entanto, se por um lado a Selic caiu e as despesas com juros diminuíram, por outro, houve aumento de R\$ 500 bilhões no total da dívida de 2002 a 2012.

As pressões de crescimento da inflação e o déficit em conta corrente são sinais de que a economia não so-

fre falta de demanda. O governo persiste no diagnóstico de que as políticas expansionistas anticíclicas estão certas, continua aumentando o gasto público acreditando piamente em resolver um problema quando, na verdade, cria outro maior.

A pergunta que colocamos é: como, no futuro, vamos olhar a última década? A dura realidade é que o Brasil está longe de atingir os indicadores econômicos e sociais dos países desenvolvidos. Para chegar lá, a caminhada é longa, uma estrada que requer sacrifícios, competência e discernimento dos governantes. Enquanto não atacar, com seriedade, os problemas básicos com efetivas melhorias em educação, saneamento, saúde e previdência social, somadas às necessidades de reformas tributária e fiscal, com a diminuição do déficit público, o futuro, idealizado por Zweig, fica, a cada dia, mais e mais distante. E não há pacto que dê jeito.

Cláudio Gonçalves dos Santos é professor do MBA de Gestão de Riscos da Trevisan Escola de Negócios

